

PRAZER, EU SOU O BRASIL!

A história do Brasil que nós aprendemos na escola (sem exceção) mereceu a inquietação e a lupa do historiador e escritor Jorge Caldeira. Este novo viés da formação do país está no livro *História da Riqueza no Brasil: Cinco Séculos de Pessoas, Costumes e Governos*, resultado de 40 anos de estudos e de análise de vasta documentação, possível, nos últimos anos, com a digitalização de documentos e cruzamentos de dados. O livro relata fatos históricos de 1500 a 2017.

Em seu livro, Jorge Caldeira mostra que sabemos pouco, ou de forma equivocada, acerca de nosso passado.

Jorge Caldeira é escritor, doutor em Ciência Política e mestre em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Foi editor dos suplementos do *Jornal Folha de São Paulo* (*Ilustrada* e *Revista da Folha*), editor de economia da revista *IstoÉ*, editor-executivo da revista *Exame*, editor da revista *Bravo!*, consultor do Projeto Brasil 500 Anos da Rede Globo. Autor de *Mauá: empresário do império*; *O banqueiro do sertão*; e *Júlio Mesquita e seu tempo*. E foi para revelar este Brasil 'desconhecido' que ele esteve em Curitiba, no mês de março, a convite do UniBrasil Centro Universitário, do Solar do Rosário e do escritório Casillo Advogados. A palestra, no Graciosa Country Club, foi precedida de sessão de autógrafos. E há nomes importantes que endossam o conteúdo: o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso assina a orelha do livro e a apresentação é da historiadora Mary del Priore.

História da Riqueza no Brasil foi considerado um dos grandes lançamentos de não-ficção de 2017 no Brasil. "Não é uma nova história, mas é nova porque revela mais informações. E este livro eu me dei de presente depois de 40 anos estudando o Brasil. É um legado para meus filhos e netos também", resume Caldeira.

"Conhecer a história não é um problema só da academia, é um problema de todo o cidadão"

AUTORA:

MARIALDA PEREIRA
JORNALISTA E BLOGUEIRA



JMarcela Peixoto, Jorge Caldeira e Liana Leão.



Jorge Caldeira.

A inovação deste conteúdo é mostrar pessoas comuns e de destaque, governos locais e costumes, que estavam além da metrópole e do governo central, como um conjunto que movimentou uma economia robusta, porém esquecida do país.

Em cerca de 600 páginas – volumoso, mas de leitura agradável – ele aliou a Antropologia e a Econometria para mostrar o Brasil que os livros de História até então não haviam registrado. Um Brasil que em 1800 chegou a ter um PIB (Produto Interno Bruto) que era o dobro do de Portugal e maior que o dos Estados Unidos.

“Aprendi na escola que o Brasil era pobre. Mas como estudioso sabia que a realidade era diferente. E o pequeno empreendedor de qualquer vila do Brasil foi figura chave para a movimentação da economia. Paralelo ao sistema de exportação havia um mercado

forte, baseado na troca de gêneros básicos, a compra que deu origem à caderneta de fiado (responsável ainda hoje por 20% do comércio no Brasil), e de produtos artesanais. O Brasil era rico dentro e não fora de seus limites”, afirma.

O país se desenvolveu pelas oportunidades que gerava. O empreendedor, por mais humilde que fosse, investia na oportunidade que surgisse ou em um novo projeto para atender à demanda da sociedade que se estabelecia. E foi esta parcela de empreendedorismo que moveu e move o Brasil.

“O Brasil foi o primeiro espaço da Terra a ser ocupado por pessoas de várias partes do mundo e isto é muito enriquecedor. O aprendizado entre os povos foi fundamental para a movimentação econômica e mercantil”, disse o historiador.

Portugueses, indígenas (principalmente a NaçãoTupi), escravos e, mais tarde, imigrantes de outros países europeus formaram um comércio interno promissor. De acordo com o levantamento e, na opinião do escritor, dos 518 anos do descobrimento, 400 são considerados prósperos economicamente. As oscilações, do positivo ao negativo, ocorreram de acordo com os períodos políticos pelos quais o país passou.

Balança – no sobe e desce da economia, decisões políticas equivocadas e a falta de visão da sociedade penderam o fiel da balança, nem sempre para o melhor lado. No período colonial o país cresceu muito. Já no império houve estagnação da economia brasileira enquanto o mundo crescia. “Até então éramos iguais aos Estados Unidos. Mas em setenta anos ficamos quinze vezes menores que eles”, explica Caldeira.

Após esta estagnação há novamente um salto na economia brasileira. Entre 1890 e 1970, o Brasil foi o país que mais cresceu no mundo. Na Primeira República, de 1889 a 1930, o crescimento foi assombroso, de 7% ao ano. Dos anos 1830 até 1964 continuou sendo o país que mais crescia, mas por uma particularidade: a política econômica privilegiou o crescimento interno enquanto havia uma crise mundial. O país foi blindado.

A partir dos anos 1970, no governo militar, a situação econômica mudou novamente. “As contas em vermelho não tiveram somente como causa a ditadura militar. A sociedade brasileira não percebeu a chegada e os efeitos da globalização, desprezou este movimento mundial. Em 1973, por exemplo, o PIB do Brasil chegou a ser maior que o da China. Após a morte de Mao Tse Tung, em 1976, Deng Xiaoping promoveu uma revolução cultural e



Gláucio Fernando Bley Filho, Jorge Caldeira, Líana Leão e Gustavo Mussi Milani.



abriu o país para o comércio internacional. Ao mesmo tempo o Brasil se isolou. E um erro histórico custa caro”.

Um agravante para a crise econômica dos anos de regime militar foi o crescimento da estrutura estatal. No governo do general Ernesto Geisel (1974/1979) foram criadas 440 estatais. O Brasil tinha déficit e uma dívida externa que só crescia, pois neste período foram feitos muitos empréstimos externos e a conta não fechava. O mundo crescia e o Brasil não.

Números – no trabalho de recomposição da economia brasileira, Jorge Caldeira escreveu de memória o conhecimento de 40 anos de estudo.

O livro apresenta comparações que revelam números surpreendentes para o início do século passado. Um exemplo é o censo de



Jorge Caldeira.

1907, que listou 3,25 mil fábricas no país e a força de trabalho de 151 mil operários. Já em 1920, o censo oficial registrou 13,3 mil indústrias e contabilizou 275 mil operários. A população brasileira, em 1920, era cerca de 30 milhões. A população em 2018 é de 209 milhões de habitantes.

No início do século passado, ainda, houve grande crescimento de consumo de energia elétrica, em função das indústrias que surgiam. Passou de 16Gwh, em 1900, a 1.367 Gwh em 1930. O país prosperava, gerava empregos e riqueza.

Outro número surpreendente do período é o aumento de objetos postados pelos Correios. Em 1890 foram 50 milhões de itens. Chegou a 2,1 bilhões de postagens em 1929.

Outro dado contundente do livro se refere à alfabetização no Brasil. Segundo relato de Jorge Caldeira, Portugal proibiu o envio de impressoras ao Brasil, o que atrasou o desenvolvimento intelectual e o registro histórico. A primeira impressora chegou ao país somente em 1808, com a vinda de Dom João VI. Enquanto isso, a América Hispânica imprimia, desde o século XVI, Bíblias em Guarani e jornais diários, além de ter 23 universidades e o Brasil nenhuma faculdade.

Em 1890 apenas 17,4% da população era alfabetizada, o que representava 2,4 milhões de estudantes. Em 1940, cerca de 16 milhões de brasileiros não eram analfabetos, o correspondente a 39,8% da população. Ainda há no país um número expressivo de analfabetos. Registro feito em 2016 pelo IBGE mostra que 7,2% dos brasileiros com 15 anos ou mais não sabem ler ou escrever, o que representa 11,8 milhões de pessoas.

Virtude – mas apesar dos altos e baixos econômicos e do atraso educacional formal, Jorge Caldeira lembra que o Brasil tem que se orgulhar da democracia de cinco séculos que tem. “Devemos lembrar sempre da nossa tradição democrática. Nossa primeira eleição municipal foi em 1532, poucas pessoas sabem porque os livros de história não apresentam este registro. Temos um Congresso criado em 1826 que só não funcionou no Estado Novo e durante o regime militar. É o terceiro mais antigo do mundo, atrás dos Estados Unidos e Reino Unido”, afirma.

A História da Riqueza no Brasil centra na evolução econômica e no acúmulo de riqueza desde o descobrimento, mas também mostra as relações institucionais e políticas do colonizado e do colonizador, do Brasil e de Portugal.

É um livro extenso e intenso que vale ser lido e sempre consultado. E como diz o autor, a história não é problema apenas dos acadêmicos, mas é um problema de todo o cidadão. ■

